

Franco-Atirador e a manipulação hollywoodiana

Diretor: Clint Eastwood. Atores: Bradley Cooper, Sienna Miller.



(Foto: cena do filme O Franco-Atirador)

Alexandre Costa Lima*

Uma fábrica de armas do Texas chamada “Trackingpoint” criou, em 2013, um rifle de alta precisão (PGF ou precision guided firearm) que permite acertar alvos até mil metros de distância. Enquanto o laser vai e volta do alvo 54 vezes por segundo, a mira computadorizada calcula o vento, a temperatura, a umidade, a distância, a inclinação e a curvatura da terra para um tiro infalível. A empresa deseja “democratizar” a acuidade e revolucionar a experiência de alvejar. Como dizem os slogans publicitários, agora você pode ser um sniper. Esse rifle, segundo a empresa, produz o disparo eticamente preciso (ethical precise shot) que evita efeitos colaterais, como balas perdidas ou “vítimas desnecessárias”. Basta escolher

o alvo, normalmente outros seres humanos.

Chris Kyle, o “herói” do filme de Eastwood, certamente não precisaria de tanta tecnologia porque era um atirador incomparável que, desde criança, foi treinado pelo pai. Mais tarde, foi preparado pela Marinha americana para atirar a grandes distâncias para proteger os seus colegas nas operações de guerra no Iraque, conseguindo matar, em três anos, 255 pessoas, entre elas, crianças. Era conhecido como “a lenda” por seus colegas e como “o demônio” pelos iraquianos, que chegaram a colocar sua cabeça a prêmio. Os iraquianos também tinham o seu franco-atirador, chamado Juba, que supostamente matou 156 pessoas e feriu outras 54. O iraquiano Juba

costumava gravar suas proezas em vídeos que posteriormente eram vendidos nas ruas de Bagdá. Certa vez, Juba matou nove soldados americanos em sequência como homenagem a Bush. Kyle parece ter sido a resposta americana aos iraquianos.

O filme é muito bem construído, com dramaticidade e realismo, mas, sob a superfície, está a ideologia militar norte-americana, exaltando um nacionalismo que leva o sujeito a odiar aquilo que ignora. Vale notar que, antes de entrar em combate, os soldados americanos sempre repetiam o refrão fascista “Deus, pátria e liberdade!”.

Ao glamourizar a natureza bélico-militar do país, Eastwood parece estar exaltando a políti-

ca externa do império. O filme pretende apresentar um discurso factual, reconstituindo a violência e a crueldade dos combates, mas introduz, previamente, um discurso sutil (os norte-americanos bons e civilizados contra os muçulmanos maus e bárbaros). O heroísmo cravejado de medalhas seria o discurso final justificatório do filme. O público norte-americano amou a película (para cultura de massa dos Estados Unidos, a guerra equivale a um Superbowl movido a balas!).

Hollywood, na verdade, deseja fazer da guerra um entretenimento regado a pipoca e a litros de coca. Busca-se unificar ideologicamente a nação para combater o terrorismo internacional, insinuando que cada mulçumano é um terrorista em potencial, apenas aguardando o momento de lançar uma bomba sobre inocentes. Como no filme “Guerra ao terror”, a manipulação hollywoodiana convoca as minorias como os negros e os latinos para, alegremente, servirem de bucha de canhão para as políticas agressivas imperiais.

Kyle era nacionalista ao extremo e costumava declarar, em entrevistas, que gostaria de ter matado mais. Ele serviu no Iraque em quatro turnos alternadamente e quando voltava, periodicamente, aos Estados Unidos, compensava o estresse da guerra preparando churrascos no jardim de casa para os demais heróis, seus amigos. A letalidade de sua pontaria o tornou uma celebridade norte-americana, sendo reconhecido nas ruas, nas lojas e nos restaurantes. Por fim, fundou uma empresa de segurança especializada em preparar atiradores para o exército norte-americano. Um caso muito claro em que a morte dá fama e lucro!

Como sintoma da exposição a tanta violência, Kyle tornou-se cada vez mais calado, mais estranho, mais arredio, obcecado com o seu papel de assassino frio a serviço da pátria. E, após ter sobrevivido à guerra no Iraque, Kyle morreu ironicamente assassinado por um compatriota, Eddie Ray Routh, outro veterano de guerra que sofria de estresse pós-traumático e que fuzilou “a lenda” e um amigo durante um exercício de tiro. Routh foi condenado, em fevereiro de 2015, à prisão perpétua, sem direito à liberdade condicional.

Kyle, assim como milhões de norte-americanos, acreditava estar combatendo o terrorismo. Mas como defini-lo? Segundo Alex Bellamy, em *Guerras Justas*, a maioria das definições aponta quatro características: 1) o terrorismo tem motivações políticas, o que o distingue da mera delinquência e da violência causada por doenças mentais; 2) é realizado por atores não estatais, em contradição com o pressuposto moderno de que o Estado soberano é o único com capacidade para autorizar a violência política legítima; 3) o terrorismo ataca a população civil deliberadamente, algo considerado injusto pela tradição teórica da guerra justa; 4) ele atinge os seus objetivos ao gerar medo nas sociedades, para obrigar as autoridades a cederem às suas exigências.

O filósofo italiano Luciano Canfora escreve, no livro “Exportar a liberdade”, que os Estados Unidos têm uma necessidade incontrolável de “levar a liberdade” a vários lugares do planeta. No Iraque, esse “esforço” de exportação levou a uma guerra

civil incessante, com milhares de vítimas. Para Canfora, o programa de “exportação” de idealismos e de modelos políticos (“liberdade”, “democracia”, etc.) apenas oculta as reais exigências do império. E como o império não pode atacar simultânea e indiscriminadamente todos os lugares aos quais deseja levar a liberdade, a Administração americana escolhe atacar os “Estados perversos” que perturbam a “paz” mundial.

As populações dos países “livres” parecem crer que o fundamentalismo islâmico converteu-se, magicamente, em terrorismo. Certamente, ignoram que o fanatismo religioso tornou-se um precário aglutinador ideológico de oposição e de resistência ao Ocidente, depois dos muitos males causados ao Oriente Médio tanto pelo colonialismo europeu a partir do século XIX quanto pelas políticas impiedosas y hegemônicas das grandes potências durante a Guerra Fria. É lamentável que o recurso desesperado à violência irracional e cega do terror pareça ser a única defesa possível contra a ideologia do capitalismo totalitário contemporâneo.

Ao fim do filme, o observador talvez veja essa guerra como uma imensa simulação na qual, por um lado, Hollywood e o complexo político-militar lucram muito e, por outro, pessoas com tendências paranoicas, como Cris Kyle, podem gozar de uma glória efêmera injustificável. ■

* Doutorando em Filosofia, pela Universidade de Buenos Aires (Argentina). Mestre em Filosofia, pela Universidade de Sussex (Inglaterra) e também pela Universidade Federal de Pernambuco. Professor da Faculdade ASCES

